

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## A TV GLOBO MINAS E A COBERTURA DOS ATAQUES SOFRIDOS PELA IMPRENSA ALTERNATIVA EM BELO HORIZONTE (1978-1980)

Marcella Furtado Rodrigues  
Doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais na  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
marcellafurtado@yahoo.com.br

A partir de três reportagens realizadas entre 1978 e 1980, o presente trabalho tem como propósito analisar a cobertura da TV Globo Minas sobre ataques sofridos pela imprensa alternativa em Belo Horizonte nos anos finais do período militar. Percorrendo o material editado para exibição na TV e as sobras de filmagem, a análise aqui elaborada irá pontuar elementos muitas vezes sutis que diferenciam os trechos escolhidos daqueles que foram descartados e que trazem indícios da postura editorial da emissora mineira diante dos acontecimentos contestatórios às ações do regime militar na capital do estado.

As reportagens em questão encontram-se sob a guarda do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte. O MIS BH (fundado em 1995 como Centro de Referência Audiovisual - CRAV) é um órgão ligado à Fundação Municipal de Cultura, da Prefeitura de Belo Horizonte. O Museu faz um trabalho contínuo de identificação e tratamento físico das películas cinematográficas que fazem parte do Fundo Globo, como foi nomeado na instituição o conjunto de reportagens produzidas pela TV Globo Minas no período especificado.

Começaremos com o filme "Jornal *Em Tempo* Bombardeado" (JN), de 18 de agosto de 1978, que apresenta imagens da redação deste periódico em Belo Horizonte após a explosão de uma bomba.

Surgido no pós-golpe, o jornal *Em Tempo*<sup>1</sup> possuía uma linha crítica e de resistência. Na edição de 26 de junho a 2 de julho de 1978 o periódico publicou uma

---

<sup>1</sup> Fundado por grupos ligados ao trotskismo e à antiga Polop (Organização Revolucionária Marxista - Política Operária) (NAPOLITANO, 2014, p. 227), o primeiro número do jornal *Em Tempo* foi publicado em 23 de janeiro de 1978. De circulação nacional, mantinha sucursais em diversas cidades, sendo São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre consideradas as principais. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Jornal-Em-Tempo-comemora-30-anos-/4/14099>. Acesso em: 06 fev. 2019.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

lista com os nomes de 233 torturadores<sup>2</sup>. No dia 18 de agosto de 1978, a sucursal do jornal em BH passou pelo segundo de três atentados sofridos em menos de um ano. O primeiro foi em 28 de julho de 1978<sup>3</sup> e o terceiro em 08 de julho de 1979<sup>4</sup>.

Com 4 minutos e 12 segundos de duração, a fita do Fundo Globo traz imagens dos estragos causados pela explosão da bomba e também uma entrevista com o chefe da sucursal em Belo Horizonte, Betinho Duarte. No livro "Estamos vivos. A volta será pior." é o próprio Betinho quem faz um relato do episódio:

A porta e uma janela da sucursal foram arrombadas durante a madrugada, por desconhecidos que picharam as paredes com as siglas GAC e MAC e colocaram uma bomba no local. Com a explosão, móveis, máquinas de escrever, arquivos e equipamentos foram destruídos. Um veículo que estava na garagem foi depredado (2015, p. 441).

O portal da Comissão da Verdade em Minas Gerais também apresenta uma breve descrição do segundo atentado ao *Em Tempo*:

No dia 18/08/1978, foi arrombada a porta e a janela na sucursal mineira do Jornal *Em Tempo*. Não houve pessoas feridas, mas os danos materiais são significativos: roubo, explosão de bomba e ataque a veículo estacionado, assim como destruição de mesa, máquina de escrever, portas, janelas, persiana, luminária, paredes, teto, papéis, documentos e vidro de veículo. Roubaram-se papéis e vários documentos. Na época, o prejuízo ficou orçado em Cr\$ 200.000,00<sup>5</sup>.

*O Estado de Minas* do dia 19 de agosto de 1978 apresentou uma matéria sobre o ocorrido, sem o uso de fotografias<sup>6</sup>. O texto do jornal descreve o atentado da seguinte forma:

---

<sup>2</sup> MOTA, Thaís. BH foi a capital dos atentados terroristas durante a ditadura e a redemocratização. Minas Livre - Liberdade e Informação. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: <http://minaslivre.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=1264#.V5MumfkrKUK>. Acesso em: 20 jul. 2016.

<sup>3</sup> Ver COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS. Disponível em: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/1015>. Acesso em: 01 dez. 2018.

<sup>4</sup> Ver COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS. Disponível em: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/1027>. Acesso em: 01 dez. 2018.

<sup>5</sup> Ver COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS. Disponível em: <http://www.comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/1016>. Acesso em: 01 dez. 2018.

<sup>6</sup> Segundo ataque a semanário em vinte dias. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 ago. 1978. p.11.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

A sucursal do semanário "Em Tempo", à rua Bernardo Guimarães, 1.884, sofreu novo atentado. O primeiro foi no dia 28 de julho, e desta vez colocaram uma bomba em um dos compartimentos da redação, que explodiu por volta de 2h50 da madrugada de ontem. A detonação da carga explosiva provocou danos com estilhaços espalhados por todas as salas da sucursal. Uma máquina de escrever ficou inteiramente destruída, como foram também destruídos quase todos os vidros das janelas e lâmpadas fluorescentes. O Fiat BB-4181, que estava estacionado em frente ao prédio onde funciona a sucursal do "Em Tempo", teve seu vidro lateral traseiro quebrado.

(...)

A direção do jornal soltou nota oficial onde diz: "A abertura de dois inquéritos policiais, solicitados por nós, deveria ter-nos resguardado desses atentados. Entretanto, numa repetição intolerável e odiosa, novamente somos atacados, sem que as autoridades encarregadas dos inquéritos nada tenham feito para evitar a repetição do ato terrorista". A nota refere à solicitação de esclarecimento do primeiro atentado, no dia 28 de julho.

A ficha catalográfica produzida para arquivamento do filme na Rede Globo Minas traz as seguintes informações:

Jornal em Tempo.

Mais uma bomba explode.

Sinopse

Imagens da redação destruída, carros com estilhaços etc. Entrevista com Alberto Duarte, diretor da sucursal do jornal. Ele fala sobre o novo acontecimento. Em 28 de julho já estiveram lá.

O filme tem início com um plano médio de Betinho Duarte (Imagem 01). Alguém que se encontra fora de quadro segura um microfone que está à frente do entrevistado. Em um primeiro momento, Betinho está falando enquanto olha para a câmera, mas não há som. O som tem início a partir da seguinte fala:

*Os carros que estavam na porta da sucursal... que foram danificados. Então a pintura, os danos materiais eu acredito que entre 100 e 150 mil cruzeiros". (...) <sup>7</sup> a respeito 'dum' antigo inquérito que nós pedimos abertura no dia 04 de agosto, ele foi remetido para a Secretaria de Segurança Pública. (...) A bomba explodiu em cima duma [sic] mesa, arrebentou a mesa, danificou a mesa todinha, duas máquinas de escrever, as máquinas foram pulverizadas pela bomba.*

Após a fala, são exibidas imagens que mostram em detalhes os estragos feitos pela explosão da bomba. Há um plano de estilhaços de vidro ao chão. A câmera faz uma panorâmica para o alto e revela um veículo Fiat 147 sem o vidro da janela lateral

---

<sup>7</sup> Os cortes no filme durante uma mesma sonora serão indicados com o símbolo (...).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

traseira (Imagem 02). No plano seguinte, cenas de um buraco em uma mesa de madeira. Em seguida, uma porta ao chão (Imagem 03). Na sequência, um plano aberto da mesa onde a bomba explodiu: há um buraco no tampo do móvel e tudo ao redor está danificado (Imagem 04). Há mais uma cena que mostra a redação do jornal totalmente revirada.

O filme apresenta mais um trecho da entrevista com Betinho Duarte: "*Agora, posteriormente teve um delegado da Polícia Federal aqui que fez as anotações e falou que ia tomar providências necessárias*". Esta primeira parte do filme termina em 1 minuto e 3 segundos.

Pela natureza dos cortes e tamanho dos planos a partir deste ponto da fita, intui-se que o restante do rolo constitui-se de material de arquivo não utilizado na edição final da reportagem.



Imagem 01 - Betinho Duarte fala sobre a explosão da bomba



Imagem 02 - Carro com vidro quebrado em frente à redação do jornal



# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

Imagem 03 - A porta da sede do jornal  
foi arrombada

Imagem 04 - Local de explosão da bomba

Fotogramas extraídos do filme "Jornal Em Tempo Bombardeado" (18 de agosto de 1978).  
FONTE: Acervo MIS BH.

No plano seguinte a câmera está um pouco mais próxima do entrevistado. Durante todo o tempo da sonora, pessoas provavelmente ligadas ao jornal saem e entram de uma porta localizada atrás de Betinho Duarte. Nesta sequência é possível ouvir a pergunta da repórter, que permanece fora de quadro<sup>8</sup>:

R: *Alberto, vocês receberam alguma ameaça por telefone?*

BD: *Pelo telefone não.* – Betinho termina de responder e olha para a repórter. – *Nós apenas... na outra invasão...* – ele olha para a repórter, olha para o chão e volta a olhar para a câmera – *outra... da sucursal, no dia... mais ou menos no dia 28 de julho, eles... algumas pichações que voltariam: "Voltaremos e estamos vivos". Mas ameaça pelo telefone nós não recebemos nenhuma.*

R: *Especificamente teria alguma causa para essa explosão?*

BD: *A partir do número 17 em que nós publicamos... o número 17 do Jornal Em Tempo em que nós publicamos a relação de 233 torturadores... o... nós começamos a sofrer algumas ameaças. A sucursal de Curitiba foi invadida, saqueada e fizeram várias pichações, o CCC, Comando de Caça aos Comunistas, e posteriormente a nossa sucursal foi invadida, saqueada, roubaram vários documentos. Então eu acredito...*<sup>9</sup>

R: *E o prejuízo do primeiro atentado foi de 30 milhões. Trinta mil cruzeiros. Esse atentado, o prejuízo vai ficar mais ou menos em quanto?*

BD: *Acredito que entre 100 e 150 mil. Porque além de arrombarem todas as portas. Além de...*<sup>10</sup>

R: *(...) Polícia Federal está fazendo pra isso?*

BD: *Nós estivemos lá pessoalmente e através do delegado da polícia, do DEOPS<sup>11</sup>, da Polícia Federal, nós tivemos a informação que eles não tinham tomado nenhuma providência até o momento. Isso foi na parte da manhã.*

Há um novo corte na fala. Na sequência seguinte, um plano geral apresenta imagens externas do local onde funcionava a sucursal do jornal *Em Tempo* em Belo Horizonte (Rua Bernardo Guimarães, 1884 - Bairro Lourdes) (Imagem 05). Em seguida um plano médio mostra uma das janelas da edificação com quase todos os vidros quebrados. Numa sequência rápida aparecem também estilhaços de vidro ao chão e

<sup>8</sup> Indicaremos como R as perguntas feitas pela repórter e como BD as respostas de Betinho Duarte.

<sup>9</sup> Neste ponto do filme há um corte na fala de Betinho, provavelmente feito para retirar-se o trecho utilizado na reportagem editada.

<sup>10</sup> Mais uma vez a fala do entrevistado foi cortada, provavelmente pelo motivo apontado na nota anterior.

<sup>11</sup> Delegacia Especializada de Ordem Política e Social.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

novamente o carro que teve a janela danificada. Mais um plano detalhe da janela quebrada na sede.

Na cena seguinte, um plano de conjunto mostra as pichações feitas no alpendre da entrada do jornal: "Viva o Brasil - GAC - MAC"<sup>12</sup> (Imagem 06). A câmera faz uma panorâmica para a direita e apresenta a porta da entrada arrombada ao chão. De um outro ângulo, a porta é vista mais uma vez. No plano seguinte vê-se novamente a mesa onde a bomba explodiu e muitos objetos e móveis remexidos. São planos feitos em um espaço interno e por isso as imagens estão escuras, mas ainda assim as cenas permitem visualizar como o local ficou revirado e depredado após a ação criminosa (Imagem 07). Um novo plano a partir de um ângulo distinto mostra novamente as pichações feitas no alpendre da entrada. O filme acaba.

A reportagem editada (até 1 minuto e 3 segundos do rolo) restringe-se a mostrar o fato ocorrido, o que é verificado tanto pelos trechos selecionados da sonora quanto das imagens. Na entrevista são abordados os danos causados pela explosão da bomba, o valor do prejuízo e também o inquérito aberto para apuração da violência sofrida pelo jornal. As cenas mostram vidros quebrados, a mesa onde estava a máquina de escrever, a porta arrombada, mas no material editado não constam as imagens apresentando as pichações com as siglas dos grupos terroristas que teriam praticado os atos de violência. A fala de Betinho Duarte sobre a publicação dos nomes dos 233 torturadores e a menção ao Comando de Caça aos Comunistas também foram preteridas.



<sup>12</sup> GAC: Grupo anticomunista. MAC: Movimento anticomunista.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

Imagem 05 - Fachada da sede do  
Jornal *Em Tempo* em BH (Rua Bernardo  
Guimarães, 1884 - Bairro Lourdes)



Imagem 06 - Pichações feitas na entrada do jornal

Imagem 07 - Máquina de escrever danificada com a  
explosão da bomba

Cenas das sobras do material editado para a  
reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Jornal Em Tempo  
Bombardeado" (18 de agosto de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Por esta análise, percebe-se que a edição limitou-se à divulgação do fato, sem discorrer sobre as causas e consequências do mesmo. A reportagem editada ainda foi concluída com um trecho da sonora em que o entrevistado informa que um delegado da Polícia Federal tinha visitado o local e dito que tomaria as providências necessárias, como se esta 'promessa' resolvesse a questão. A matéria não deu ao fato a dimensão que o mesmo tinha no contexto político daquele momento.

Pouco mais de um ano depois a Lei da Anistia (Lei nº 6.683) seria sancionada. Mas a luta pela anistia não terminou com a promulgação da Lei, mesmo porque esta ficou longe de ser a anistia 'ampla, geral e irrestrita' pela qual tanto batalharam os movimentos que se organizaram para reivindicá-la. Pelo contrário, a Lei da Anistia não contemplou os opositores do regime que foram condenados "pela prática de crimes de terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal"<sup>13</sup>. Por outro lado, anistiou aqueles envolvidos em 'crimes conexos', ou seja, "crimes de qualquer natureza relacionados com crimes políticos ou praticados por motivação política"<sup>14</sup>, categoria na qual foram incluídos os crimes cometidos por agentes do Estado contra os opositores do regime.

Diante de uma lei que levava ao esquecimento, os movimentos que batalharam pela anistia continuaram sua luta para que torturadores fossem apontados, julgados e

<sup>13</sup> Lei Nº 6.683, de 28 de agosto de 1979. Art. 1º. § 2º.

<sup>14</sup> Lei Nº 6.683, de 28 de agosto de 1979. Art. 1º. § 1º.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

condenados, visto que tortura e desaparecimento forçado de opositores são crimes contra a humanidade, imprescritíveis e não anistiáveis. Sendo assim, os jornais da imprensa alternativa persistiram na divulgação dos nomes de torturadores e nas críticas à situação política do país, o arrocho salarial, a legislação sindical, o aumento do custo de vida, assim como mantiveram a bandeira de luta pelas liberdades democráticas. A retaliação a esses jornais e aos locais onde eles eram vendidos evidenciava a manutenção da violência por parte da extrema direita contra aqueles que em alguma medida se opunham ao regime:

Um dos alvos mais bizarros da direita explosiva foram as bancas que vendiam jornais alternativos de esquerda. Entre abril e setembro de 1980, dezenas de bancas em várias cidades brasileiras foram incendiadas durante a noite, provocando uma onda de pânico entre os jornalistas e uma crise de distribuição dos jornais alternativos (NAPOLITANO, 2014, p. 295).

Conforme relatório da Comissão da Verdade em Minas Gerais, nos dias 26 e 28 de junho de 1980, várias bancas de jornal de Belo Horizonte foram ameaçadas simultaneamente. As bancas amanheciam com folhetos anônimos fixados que anunciavam represálias caso continuassem vendendo publicações da imprensa alternativa<sup>15</sup>.

No dia 16 de julho de 1980, uma banca localizada na Rua Curitiba esquina com Rua Tupinambás (região central da cidade) sofreu um incêndio criminoso. Ninguém ficou ferido, mas foi estimado um prejuízo de aproximadamente 400 mil cruzeiros<sup>16</sup>.

O filme "Bancas de jornal sofrem atentados" (título atribuído) foi identificado durante processamento técnico realizado no Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte, visto que sua identificação original não existia mais. No entanto, na documentação não-fílmica localizei uma ficha catalográfica com informações que correspondem a este filme. O título original que consta na ficha é "Incêndio banca de

---

<sup>15</sup> MINAS GERAIS. GOVERNO DO ESTADO. **Comissão da Verdade em Minas Gerais** [recurso eletrônico]: Relatório / Governo do Estado. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. 336 p. v. 4.

<sup>16</sup> MINAS GERAIS. GOVERNO DO ESTADO. **Comissão da Verdade em Minas Gerais** [recurso eletrônico]: Relatório / Governo do Estado. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. 336 p. v. 4.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

revista. Atentado de direita" (JS), com data de 16 de julho de 1980. A sinopse escrita durante o arquivamento do rolo na TV Globo Minas foi a seguinte:

Imagens da banca de revista da rua Curitiba, com Tupinambás, que foi incendiada. Entrevista com o proprietário, José Alves Ribeiro, que fala não ter sofrido ameaças. Entrevista com Laurentino Lima Ferreira Filho, presidente do sindicato distr. de jornais e revistas que lamenta o acontecido e fala das providências tomadas.

Com 6 minutos e 47 segundos de duração, na primeira parte do filme não há imagens, apenas um áudio que provavelmente foi gravado pela repórter para cobertura da matéria editada. Transcrevemos a seguir o conteúdo deste áudio:

*Vinte entidades se reuniram hoje para encaminhar uma nota ao Secretário de Segurança do Estado e ao governador Francelino Pereira pedindo providências contra ameaças a jornalistas e pedindo a apuração dos responsáveis no atentado à banca de jornais do senhor José Alves Ribeiro na madrugada do dia 16. No final da reunião, o presidente dos vendedores e distribuidores de jornais e revistas de Belo Horizonte, Laurentino Lima Filho, decidiu não mais encabeçar a nota, alegando que já enviou ofícios neste sentido às autoridades. Os representantes das entidades presentes lamentaram e saíram contrariados da reunião. Por outro lado, o Secretário de Segurança de Minas, Coronel Amando Amaral, disse hoje que já tomou duas providências para evitar ataques a bancas de jornais: determinou investigações para descobrir os autores e quer um policial vigiando a área onde haja bancas. O Coronel Amando Amaral lembrou que estes atentados são difíceis de serem descobertos porque ocorrem de madrugada, sem testemunhas. Mesmo assim, espera esclarecer a explosão e incêndio da banca de José Alves Ribeiro. O Secretário de Segurança disse ainda que gastaria, mas que por falta de contingente, não pode escalar um policial para cada banca, o que seria o ideal.*

Este áudio de cobertura termina quando o rolo está em 1 minuto e 23 segundos. Com ele é possível ter uma ideia do recorte escolhido para a matéria. A partir daí têm início as imagens.

As primeiras cenas mostram imagens da banca completamente incendiada (Imagem 08). Há também um plano do chão próximo à banca onde jornais e revistas aparecem inteiramente queimados (Imagem 09). Em seguida, uma cena com pessoas na calçada que observam o estrago feito (Imagem 10). Há um plano do carro da polícia militar que está próximo. Mais alguns planos detalhando como ficou a banca de revistas (Imagem 11), e por último um plano de conjunto da banca envolta por curiosos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10



Imagem 08 - Banca incendiada na Rua Curitiba, centro de Belo Horizonte



Imagem 09 - Detalhe das publicações completamente danificadas



Imagem 10 - Populares observam o estrago causado pelo atentado



Imagem 11 - O incêndio afetou toda a estrutura da banca

Fotogramas extraídos do filme "Incêndio banca de revista. Atentado de direita" (16 de julho de 1980).  
FONTE: Acervo MIS BH.

Aos 2 minutos e 11 segundos, o espaço da reportagem muda. A cena de uma placa identifica o novo local: Sindicato dos Vendedores e Distribuidores de Jornais e Revistas de Belo Horizonte. Em seguida é apresentada uma sonora com Laurentino Lima Ferreira Filho, presidente do Sindicato (Imagem 12):

*A categoria nessa data, por exemplo, eles estão sofrendo várias dificuldades financeiras. Por serem, por exemplo, agora é tempo de pagamento de licenças de bancas, e isso são gastos excessivos que o jornalista tem que fazer, e acontece que aparece um atentado desse, e eu fico na mercê de dizer que eu não sei como é que pode ter sido... ter acontecido. Não posso ter nenhuma análise a respeito.*

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

Na cena seguinte, a reportagem é deslocada novamente para a rua, apresentando uma entrevista com o dono da banca que sofreu o atentado, José Alves Ribeiro (Imagem 13):

R<sup>17</sup>: *O senhor vendia todos os jornais?*

JAR: *Vendia.*

R: *Sem exceção.*

JAR: *Sem exceção. Eu não fui ameaçado. (...) <sup>18</sup> procurar um caminho certo né, pra evitar que isso aconteça com outro colega.*



Imagem 12 - Laurentino Lima Ferreira Filho, presidente do Sindicato dos Vendedores e Distribuidores de Jornais e Revistas de Belo Horizonte

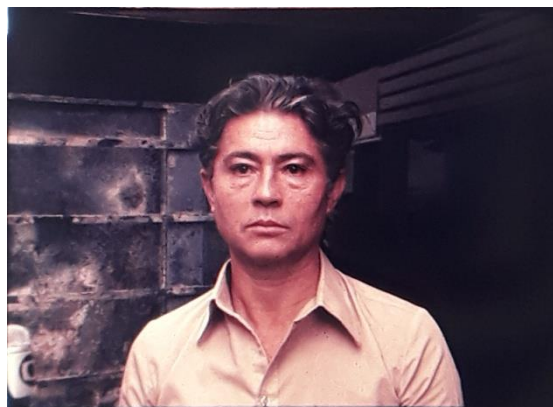


Imagem 13 - José Alves Ribeiro, dono da banca incendiada

Fotogramas extraídos do filme "Incêndio banca de revista. Atentado de direita" (16 de julho de 1980).  
FONTE: Acervo MIS BH.

Logo em seguida há mais um trecho da sonora com o presidente do Sindicato dos Vendedores e Distribuidores de Jornais e Revistas de Belo Horizonte:

*O que eu tenho a fazer é continuar fazendo um apelo às autoridades pra que mande policiar as bancas, outros como já pedi, ao comandante da polícia militar e à Secretaria de Segurança.*

Esta sonora do presidente do sindicato termina aos 3 minutos e 26 segundos de rolo. Há 10 segundos de filme vazio, e em seguida começa mais um áudio de cobertura gravado pela repórter com outras informações sobre o ocorrido:

---

<sup>17</sup> Indicaremos como R as perguntas feitas pela repórter e JAR as respostas do entrevistado José Alves Ribeiro.

<sup>18</sup> Os cortes no filme durante uma mesma sonora serão indicados com o símbolo (...).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

*Essa banca na Rua Curitiba com Tupinambás foi a primeira a sofrer um atentado. Ela tem mais de 30 anos. Por volta das 3 horas da manhã de hoje, ela explodiu e pegou fogo. O prejuízo foi de mais de 400 mil cruzeiros. Há 16 dias, os donos de bancas de jornais e revistas de Belo Horizonte foram ameaçados através de cartas anônimas. Eles foram advertidos para que não continuassem vendendo órgãos da imprensa alternativa.*

O áudio termina aos 4 minutos e 4 segundos de filme. A partir deste ponto, há cenas de bastidores e outras características que indicam que o restante do rolo constituiu-se de material de arquivo. O trecho de sobras traz mais alguns momentos da entrevista com o presidente do Sindicato dos Vendedores e Distribuidores de Jornais e Revistas de Belo Horizonte. Destaca-se neste conjunto um comentário da repórter sobre uma lei que obrigaria o jornaleiro a vender todo tipo de jornal, o que indicaria que a natureza dos jornais vendidos em cada banca não seria nada mais do que o cumprimento da lei, e não uma demonstração de preferência por este ou aquele jornal por parte dos vendedores. Repetem-se as cenas da placa do sindicato e também da banca rodeada por curiosos.

A sequência final do rolo apresenta mais alguns trechos da entrevista com o dono da banca. A repórter pergunta se o vendedor recebeu alguma ameaça, o que ele nega. A jornalista insiste indagando se ele achava que o atentado tinha relação com as ameaças que a categoria vinha sofrendo, mas o jornaleiro é evasivo:

*Bom, eu não posso afirmar isso. Eu não tenho, no momento eu não pensei nada disso. Eu tô tão chocado que eu não posso dizer nada por enquanto, nem pensei no negócio. Só sinto assim um quadro muito triste.*

Ele ainda responde uma última pergunta e o filme acaba.

Analisando o trecho do filme que foi preparado para ir ao ar, tem-se no primeiro áudio de cobertura um panorama das providências que autoridades tomariam tanto para investigar o atentado sofrido pela banca quanto para inibir novos atentados. Na narração feita pela repórter fica perceptível uma falta de vontade e empenho das autoridades para que as investigações fossem levadas à frente. Isso é respaldado por duas informações que teriam sido repassadas à reportagem pelo Secretário de Segurança: a primeira é sobre a dificuldade para se descobrir informações a respeito dos atentados pelo fato deles ocorrerem de madrugada; a outra dificuldade é a falta de contingente da polícia

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

militar para garantir a segurança de todas as bancas. Em suas respostas, tanto o dono da banca quanto o presidente do Sindicato dos Vendedores e Distribuidores de Jornais e Revistas de Belo Horizonte são evasivos, se recusando a fazer uma análise do ocorrido, e deixando claro que não tinham maiores informações sobre as ameaças que vinham sendo feitas. O único momento em que a reportagem toca no cerne da questão é no segundo áudio gravado pela repórter, quando ela relata que os donos de bancas de jornais e revistas vinham sendo ameaçados por cartas anônimas, para que parassem de vender publicações da imprensa alternativa. Ela indica assim o que teria motivado os atentados, sem no entanto levantar possíveis suspeitos ou analisar por qual motivo a imprensa alternativa vinha causando tanto incômodo.

O fato do dono da banca se esquivar das perguntas da repórter apenas mostra que ele dimensionava o significado do ato terrorista que sofrera, e possivelmente por temor, preferia se calar. Aquele era mais um atentado, dentre tantos outros que Belo Horizonte já havia presenciado nos últimos dois anos. Os alvos eram claros, assim como os responsáveis.

Entidades legais, órgãos da chamada imprensa alternativa e até as bancas de revistas que os vendiam tornam-se objeto prioritário do aparelho repressivo do Estado e das organizações terroristas intimamente vinculadas a ele, como o Comando de Caça aos Comunistas (CCC), o Movimento Anti Comunista (MAC), o Grupo Anti Comunista (GAC), o Comando Delta, a Falange Pátria Nova, a Aliança Anticomunista Brasileira et cetera (GRECO, 2003, p. 71).

À exemplo do filme "Incêndio banca de revista. Atentado de direita" (de 16 de julho de 1980), a reportagem a seguir, chamada "Apreensão de Jornais da Esquerda" (título atribuído), também foi identificada no MIS BH. Analisando o conteúdo do filme em cruzamento com os dados disponíveis na base de fichas do Fundo Globo, identifiquei que este filme é provavelmente a reportagem "Polícia - Repressão à imprensa alternativa", do dia 04 de agosto de 1980. Não há indicação do jornal no qual a reportagem teria sido veiculada. A sinopse cadastrada pela Globo Minas para este filme é a seguinte:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

14

Sobe som com uma jornalista malhando o governo Francelino Pereira. Entrevista com um detetive do Dops, Ednyr Parreira e Jacyr Marino. Entrevista com um fiscal da prefeitura, que proibiu a venda ambulante de jornais da imprensa alternativa e com o Sr. que chamou a polícia.

Gravado em cenas externas à noite, o filme possui 4 minutos e 25 segundos de duração. Ele tem início com imagens de uma mulher que está na rua, atrás de uma mesa onde estão pilhas de diversos jornais alternativos (Imagem 14). Há muitos populares em volta desta mulher, que possui um exemplar do jornal *Em Tempo* na mão. Ela protesta falando alto e gesticulando bastante: "(...) *quando foi pra impedir a greve dos bancários, ele teve um policial pra cada (...)*". Há um corte na fala da mulher. Verificando outros trechos de seu discurso que estão contidos no filme, sabe-se que ela se refere ao governador Francelino Pereira e sua atitude de ordenar o reforço do policiamento na cidade de modo a inibir as manifestações grevistas que ocorriam com bastante força em Belo Horizonte desde o ano de 1979. Uma edição dinâmica organizou diversos planos curtos nesta sequência: pessoas compram exemplares dos jornais alternativos (Imagem 15); um plano mostra o carro do Departamento de Ordem Política e Social no local (Imagem 16); a imagem de um dos agentes do DOPS presentes (Imagem 17); uma mulher que aparentemente está vendendo exemplares dos jornais expostos; no plano seguinte, um outro agente do DOPS mostra sua identificação para um homem, uma mulher e Helena Greco, então presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia/MG (Imagem 18); novas cenas dos jornais sendo adquiridos por transeuntes. Na sequência, uma sonora com Oraldo de Oliveira Santos, fiscal da Prefeitura de Belo Horizonte (Imagem 19): "*Qualquer tipo de venda de mercadoria, enfim, mercadoria clandestina, sem a licença. Porque o jornal inclusive é licenciado pra vender em banca de jornal. Fora disso, na via pública é proibido. Essa é a nossa ação*".

Este trecho da resposta do fiscal termina aos 43 segundos de filme. Em seguida há um breve trecho de filme em branco. Acreditamos que neste ponto se encerra a reportagem editada para ir ao ar.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

15



Imagem 14 - Mulher protesta contra as ameaças sofridas pela imprensa alternativa em BH



Imagem 15 - As pessoas adquirem os jornais que estão sendo vendidos no meio da rua



Imagem 16 - Agentes do DOPS estavam presentes no local



Imagem 17 - À direita da imagem, um dos agentes do DOPS



Imagem 18 - O outro agente do DOPS se identifica para Helena Greco, um homem e uma mulher que também participam do protesto



Imagem 19 - Oraldo de Oliveira Santos, fiscal da Prefeitura de Belo horizonte

Fotogramas extraídos do filme "Polícia - Repressão à imprensa alternativa" (04 de agosto de 1980).  
FONTE: Acervo MIS BH.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

16

No plano seguinte, mais um trecho do protesto da mulher que segura o jornal *Em Tempo* na mão:

*Denuncia a corrupção, denuncia a exploração (...)<sup>19</sup>. A gente já foi ao governador Francelino pedir a ele proteção 'pras' bancas continuarem vendendo os jornais. Porque a gente quer que a população continue tendo acesso aos jornais que falam a verdade. Mas o governador Francelino não fez nada até agora. Quando foi pra colocar dois PMs em cada grupo escolar, pra poder impedir as professoras de fazer greve (...). ...denunciam a situação de miséria que o povo brasileiro vive hoje. Por isso que eles querem calar a boca (...). Pra garantir que o povo possa ler as notícias. Pra garantir que os verdadeiros jornais, que falam a verdade, que falam do povo, que falam da luta do povo, que falam da exploração do povo. Francelino não tem nem um soldado, Francelino não tem nem um investigador pra saber quem foram os terroristas covardes que destruíram o ganha pão de um trabalhador brasileiro. (...) que são jornais da imprensa independente (...). Independente dos patrões (...). Os grandes jornais, eles estão falando que o povo brasileiro tá muito bem, que o povo brasileiro (...). A grande maioria tá sofrendo, tá explorada, tá vendo a inflação comer o salário da gente. (...) pra garantir a exploração do povo brasileiro. É por isso que eles querem calar a boca destes jornais.*

A cada corte indicado pelos parênteses, o ângulo da câmera muda. Em alguns momentos permanece na mulher, em outros mostra as pessoas que passam e compram jornais. Os cortes também intercalam planos que apresentam capa por capa dos jornais que estavam sendo vendidos ali (Imagens 20 a 23). É interessante observar que ao longo de todo o filme as pessoas compram exemplares dos jornais, não se sentindo inibidas nem pela presença da TV, nem pela presença dos agentes do DOPS.

Após esta sequência composta por trechos do protesto da mulher e das imagens que indicamos acima, há um pedaço de filme que começa em branco mas com gravação de som. Pouco depois, as imagens aparecem. É um diálogo entre o repórter da TV e um dos agentes do DOPS (Imagem 24):

R<sup>20</sup>: *Pode vender, sem propaganda, é isso?!*  
ADP: *Sem propaganda, sem discurso.*  
R: *Por que foi proibida a propaganda?*  
ADP: *O Secretário de Segurança determinou assim.*

---

<sup>19</sup> Indicamos com parênteses os momentos em que há cortes durante a gravação do protesto da mulher.

<sup>20</sup> Indicaremos como R as perguntas feitas pelo repórter e como ADP as respostas do agente do DOPS.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

17

Depois deste diálogo, o agente do DOPS se aproxima de um homem, uma mulher e de Helena Greco. Ele tira uma carteira do bolso e mostra sua identificação como detetive do DOPS para o grupo. O outro agente do DOPS faz o mesmo. Em um gesto curioso, o homem que está olhando a identificação pega a carteira do detetive na mão e aproxima o documento de seus olhos. Uma voz feminina fora de quadro complementa a cena: *"A grande imprensa pode, nós não"*.

Em seguida, há mais um trecho da entrevista com o fiscal da prefeitura, na qual ele informa que naquele momento eles tinham apenas passado orientações sobre a proibição da venda dos jornais fora das bancas. Mas que no dia seguinte começariam a fazer apreensões. O repórter pergunta qual seria a função do fiscal na prefeitura, no que ele responde que é Chefe do Setor de Repreensão. O fiscal ainda informa seu nome completo, a pedido do jornalista.

Há mais alguns planos dos carros do DOPS. Na última cena, repórter e cinegrafista se apressam para seguir um senhor que aparentemente foge da equipe da TV. O repórter questiona: *"Por que o senhor chamou a polícia pra vir pra cá?"*. O senhor parece não entender (ou não querer entender) a pergunta (Imagem 25). O repórter repete a questão. O senhor dá as costas para o repórter e diz: *"Eu?! Não senhor. Cê tá muito enganado"*. O jornalista insiste: *"Qual o seu nome?"*. A curiosa cena de 'perseguição' é finalizada com uma resposta inusitada por parte do senhor: *"Eu não tenho nome não"*. O filme acaba.

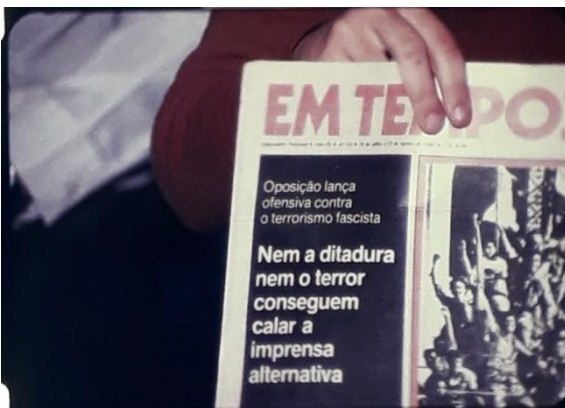


Imagem 20



Imagem 21

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

18

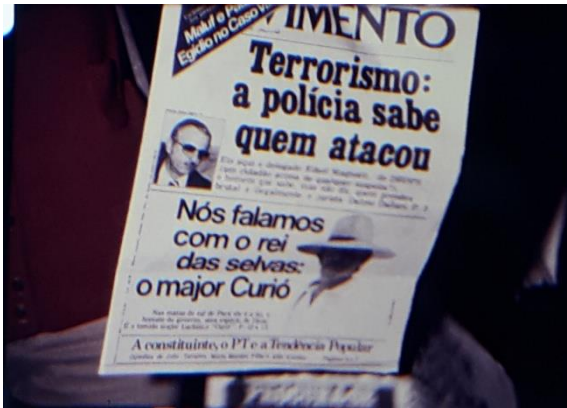


Imagem 22



Imagem 23

Imagens 20 a 23 - Capas dos jornais da imprensa alternativa que estavam sendo vendidos nas ruas de Belo Horizonte

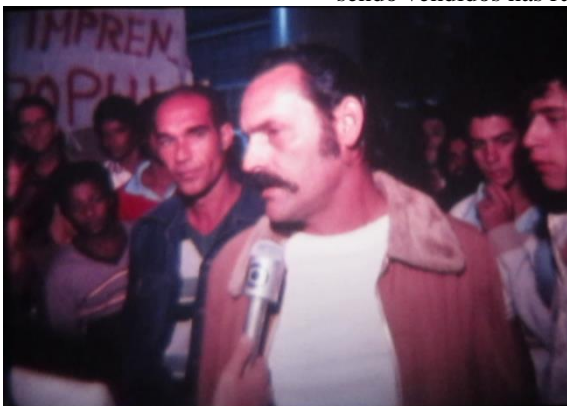


Imagem 24 - Agente do DOPS responde perguntas do repórter da TV Globo Minas



Imagem 25 - Homem 'sem nome' que teria chamado a polícia ao local onde os jornais estavam sendo vendidos

Cenas das sobras do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Polícia - Repressão à imprensa alternativa" (04 de agosto de 1980).  
FONTE: Acervo MIS BH.

Um detalhe que chama a atenção é que nem no material editado, nem no material de arquivo há qualquer sonora com as pessoas que estavam vendendo os jornais alternativos nas ruas, ou mesmo com a presidente do CBA/MG, figura reconhecida na luta pelas liberdades democráticas e liberdade de expressão. Na matéria editada, só quem fala é o fiscal da Prefeitura de Belo Horizonte. O trecho selecionado da fala da mulher que protesta é muito curto e não possui informações suficientes para que o telespectador pudesse entender o motivo da proibição dos jornais. Nos trechos do

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

19

protesto dela que ficaram para arquivo há enunciados muito mais contundentes e esclarecedores, por exemplo, quando ela ressalta a importância do apoio à circulação desses jornais, que traziam informações verdadeiras para o esclarecimento da população. Ela denuncia também os ataques terroristas que as bancas vinham sofrendo, e a passividade do governo estadual ao não tomar providências para que elas fossem protegidas e os atentados investigados.

Ao optar por deixar fora da edição final da reportagem a fala do agente do DOPS sobre as ordens do Secretário de Segurança (que queria que os jornais fossem vendidos 'em silêncio'), oculta-se também o real motivo da proibição da venda das publicações nas ruas. Enquanto comercializavam os jornais, as pessoas faziam denúncias das ameaças sofridas, chamando a atenção do povo (transeuntes e leitores), o que de certa forma dava ainda mais visibilidade para os jornais alternativos.

As publicações estavam sendo vendidas em via pública porque as bancas pararam de comercializá-las, em virtude do medo dos jornaleiros de sofrerem novos ataques por parte dos grupos terroristas de extrema-direita, incomodados com as denúncias feitas nesses periódicos. No entanto, pela reportagem editada, tem-se a impressão de que a venda dos jornais havia sido proibida apenas porque não tinham licença para comercializá-los em via pública, sem que fossem aprofundadas as razões que levaram os jornais alternativos para as ruas.

## Referências

BRASIL. *Lei nº 6.683*, de 28 de agosto de 1979. Concede anistia e dá outras providências. Planalto, Brasília, 1979. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm)>. Acesso em: 30 set. 2018.

DUARTE, Betinho.; MORAIS, Aloísio; ANGELO, Durval.; CÉSAR, Emanuel de Oliveira; MIRANDA, Fernando; LOPES, Geraldo Elísio Machado.; VIANA, Gilney; GREGO, Heloísa; MARX, Ivan Cláudio; RABÊLO, José Mar. *Estamos vivos. A volta será pior: o DNA do terrorismo de direita em Minas*. 2 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: [s.n.], 2015. 511 p.

MINAS GERAIS. GOVERNO DO ESTADO. *Comissão da Verdade em Minas Gerais* [recurso eletrônico]: Relatório / Governo do Estado. Belo Horizonte: COVEMG, 2017.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014. 365 p.